



AS RÁDIOS COMUNITÁRIAS, A MEMÓRIA E A DÁDIVA

Teresa Cristina Furtado Matos

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia
da Universidade Federal do Ceará- UFC

Resumo: Este artigo visa discutir as possibilidades de leitura da comunicação comunitária a partir das noções de memória e dádiva, tendo como eixo as seguintes questões: Como uma rádio comunitária constitui memórias? E como se organizam e que tipo de sociabilidade essa organização constrói?

Palavras-Chave: Rádios Comunitárias; Comunicação e Memória; Comunicação e Dádiva.

As possibilidades abertas pela tecnologia, no campo da comunicação, têm se mostrado quase infinitas no início desse novo milênio. O rádio, com quase um século de história no Brasil se consolidou dentro de um projeto comercial. Nas últimas três décadas, principalmente, influenciadas por iniciativas na América Latina, cresceram as experiências que buscam estabelecer no rádio um novo modelo de comunicação: são as rádios comunitárias¹ (COGO, 1998).

Ligadas à trajetória dos movimentos sociais, essas rádios foram durante muito tempo estudadas sob o aspecto político e sob a ótica da participação. Além de espaço de disputas e embates políticos, as rádios comunitárias (RCs) podem ser percebidas também a partir de um olhar que as interroga sob a ótica da cotidianidade, e das vivências e experiências que habitam a comunidade. Este artigo busca discutir estas novas possibilidades através dos conceitos de memória e dádiva, pondo em primeiro plano a autoria coletiva nesse modelo de comunicação.

¹ No processo onde o conceito de comunicação popular e comunitária foi sendo laborado e elaborado, experiências institucionais como as escolas radiofônicas e as iniciativas espontâneas como a do uso de alto-falantes, comuns em pequenas cidades do interior do Brasil, se mesclam.



Nesta perspectiva o enfoque compreensivo recai principalmente sobre as relações que envolvem memória e solidariedade no interior das comunidades e dos movimentos sociais nos quais estas se originam e que tem na comunicação popular um importante elemento.

As rádios comunitárias na cidade de Fortaleza, Ceará, completaram no ano 2000 quase vinte anos de existência. Ao analisar esse processo de organização, este trabalho busca contribuir compreender o modelo de comunicação e o modo de sociabilidade que encerram as rádios comunitárias no universo geográfico desta cidade.

1. As Rádios Comunitárias em Fortaleza

Fortaleza é uma das cidades brasileiras pioneiras na tentativa de democratização do sistema de comunicação através da implantação de rádios comunitárias operando com o serviço de alto-falantes, mais conhecido pela população como bocas ou radiadoras. A década de oitenta registra esse pioneirismo.

As RCs aparecem na cidade ligadas a três eixos. Surgem inicialmente vinculadas a organizações não-governamentais. Depois, são as ações da Prefeitura Municipal e da Universidade Federal do Ceará as responsáveis pela disseminação de emissoras comunitárias em bairros estratégicos da cidade. E há ainda rádios que surgem da ação espontânea de algumas comunidades.

Quando em 1998, através da Lei 9612 de 19 de fevereiro de 1998, o Governo Federal tornou legal a existência de rádios comunitárias operando através de transmissores de baixa potência, algumas experiências de comunicação radiofônica no modelo comunitário já ocorriam em Fortaleza, através do sistema de bocas ou de caixinhas. Muitas das rádios que operavam nesses sistemas buscaram formas de financiamento para viabilizar a compra dos equipamentos e colocar a emissora no rádio.

A mudança no cenário da radiodifusão brasileira abriu espaço também para uma série de iniciativas que não se enquadravam no conceito de comunicação comunitária. Emissoras de gestão comunitária, rádios livres e pequenas emissoras com caráter comercial ou político-partidário invadiram o dial.

Dentro dos critérios estabelecidos pela Associação das Rádios Comunitárias em Fortaleza, ARCOS, apenas as rádios de gestão exercida pela comunidade são consideradas



legais e podem continuar no ar suportadas pela Lei. Distinguir entre as rádios comunitárias e o que chamam de picaretárias é uma de suas metas e única possibilidade de manter o movimento².

Assim, constituir-se como uma rádio comunitária, exige não apenas adequação à Lei mas também a um modelo de comunicação defendido pelas entidades que congregam as RCs no país. Em Fortaleza, uma série de práticas, nesses primeiros anos de funcionamento, têm marcado a presença dessas novas emissoras no ar: seja através da venda ou do arrendamento de horários, seja também através da ausência de pluralidade na programação e da total ou quase total ausência de participação da comunidade na programação e na tomada de decisões.

Sem possuir um modelo de comunicação definido e consensual, as rádios discutem e travam um embate em torno da conceituação e constituição de um modelo a ser seguido. Entre as rádios que mais poderiam se aproximar dos pressupostos de um ideal de comunicação comunitária, no cenário das RCs de Fortaleza, está a Rádio Comunitária Mandacaru.

2. A Rádio Comunitária Mandacaru

A *Rádio Comunitária Mandacaru FM* funciona no Bairro Ellery, na região oeste da cidade de Fortaleza³.

Na década de oitenta o bairro é cenário de uma série de ocupações, nas proximidades de um antigo açude, o João Lopes. Em 1986 surge a Associação Comunitária do Bairro Ellery, ACBE. As ocupações marcam a trajetória de organização da comunidade que em torno da Associação desenvolverá uma série de projetos.

A Rádio é fundada em 1991 por um dos membros da Associação e desde então vincula-se a esta. A trajetória da Rádio é, portanto, marcada pela trajetória da própria Associação e dos movimentos sociais organizados que atuam no bairro e que com esta se relacionam.

A existência de uma aparelhagem de som que fazia prestação de serviços à comunidade, como angariar fundos para enterros, campanhas para encontrar crianças perdidas

² Entrevista com representante da ARCOS-CEPOCA.

³ A região oeste da cidade, ao longo das avenidas Sargento Herminio e Francisco Sá se constitui, a partir da década de quarenta até a década de setenta, em região industrial, quando da construção do Distrito Industrial. Embora tenha perdido a função de polo industrial, ainda sedia algumas empresas como a Têxtil Vicunha e Mecesa, ambas localizadas próximas à rádio. A presença de tais empresas e a caracterização da região como região operária, talvez explique a ligação da rádio com diversos sindicatos.



e documentos, chamar ao telefone público e divulgar as atividades da Associação, foi a origem da Rádio.

Aproveitando-se da disponibilidade dos equipamentos, um dos membros da Associação resolve dar-lhes um caráter radiofônico e inicia a produção de programas. O primeiro programa teve início em 1991.

Em 1996 a Rádio iniciou uma das atividades que marcaria sua existência, e que aparece nos relatos de seus membros como um de seus momentos mais significativos e de maior repercussão junto à comunidade. Esse momento registra a transmissão dos jogos de futebol do campeonato suburbano que ocorria nos campos de várzea do próprio bairro. A consolidação dessa transmissão significou a própria afirmação da idéia do serviço de som como rádio e o reconhecimento da competência técnica da equipe envolvida. Os convites para cobrir o mesmo tipo de evento em outros bairros reforçaram esse significado.

Em 1997, a *Mandacaru* se prepara para a mudança no sistema de irradiação. A mudança, possibilitada pela aprovação da Lei de Radiodifusão Comunitária, ocorreu em função de seus membros se sentirem limitados pelo antigo sistema de irradiação e pela ligação que passaram a ter com o movimento nacional de RCs.

A programação e os princípios que deveriam nortear uma rádio comunitária foram definidos em uma série de seminários que construíram a trajetória da Rádio.

A existência da Emissora é marcada por mudanças constantes na equipe, provocadas por diversos fatores que vão desde os desentendimentos pessoais ou políticos, ligados ao tipo de orientação a ser seguida pela emissora, até as dificuldades financeiras de seus membros e da impossibilidade de conciliar horários, entre outros aspectos.⁴

Em julho de 1998, a Rádio realiza um curso de capacitação junto a ARCOS-CEPOCA. A mudança no sistema de irradiação representou um novo rearranjo e um novo fôlego às atividades e à própria vida da emissora. O fim das limitações referentes ao horário e as possibilidades abertas por um tempo mais extenso de programação, exigem uma equipe maior e uma nova grade programação. A equipe é composta por moradores da comunidade e por pessoas interessadas em rádio, e que mantinham vínculos pessoais com antigos membros da emissora.

⁴ Quando em 1998 a Rádio consegue, junto à ONG Cearah Periferia, o empréstimo para a compra dos equipamentos necessários à transmissão em FM, apenas duas pessoas compunham efetivamente a equipe e levavam a programação ao ar



Ao mesmo tempo em que realizam o curso, cujo período foi de um mês, mobilizam reuniões e debatem os rumos da nova programação. Em agosto recebem uma sala doada pela creche comunitária. No dia nove de agosto de 1998 vai ao ar o primeiro programa da nova fase da emissora, inicialmente chamado de Especial da Jovem Guarda e hoje intitulado A Volta da Jovem Guarda.

A mudança provoca novos rearranjos na equipe. Grande parte do grupo de vinte e cinco pessoas capacitadas quando da mudança da emissora para FM não permanecem na Rádio. A nova equipe não participa do processo de capacitação e de discussão da programação, colocando no dia a dia da rádio uma disputa entre os modelos de comunicação comunitária e comercial, na busca de uma nova linguagem que se aproxime do público.

3. Da Dádiva: A Rádio Mandacaru

Na verdade nós trabalhamos com a idéia de que navegar é preciso, e ai agente vai levando. A fala de um dos diretores da rádio, sugere o estado de ânimo que a manutenção da Rádio Mandacaru exige de seus membros.

Desde que cheguei a Rádio e comecei a entender sua dinâmica, percebi que tinham de travar uma luta hercúlea. Nascida de um ato espontâneo e criativo de um de seus membros, em meio a um feixe de carências e tensões, a Mandacaru permanece no ar confrontada diariamente com novos desafios. O artesanato da comunicação num meio moderno como o rádio é praticado todo o tempo, seja através do instrumental de trabalho improvisado, da falta de suprimentos básicos para levar os programas ao ar, até aos problemas técnicos constantes, e a falta de equipamentos, além da gama de tensões advindas da situação política em que se encontram as rádios comunitárias⁵. A existência heróica na modernidade, de que nos fala Benjamin (1989) em seu trabalho sobre Baudelaire, parece ser exercida com constância.

Existir no cenário das rádios comunitárias, percebido através da Rádio Mandacaru, é quase sinônimo de resistir. Resistir de forma criativa, pensando e repensando formas de atuação e estratégias. Existência bélica, pensada em termos de defesa e de ataque, tom que marcou algumas das reuniões em que estive presente.

⁵ Enquanto estive realizando a pesquisa, a rádio foi lacrada pela ANATEL, quando da cassação da liminar que garantia seu funcionamento.



Em meio a essa constatação me perguntava o que animava aquele grupo e aquela sociabilidade que teciam.

Encontrei eco para essa pergunta nas relações de dádiva descritas por autores como Mauss (1988) e Godbout (1998, 1999) e Caillé (1998, 1999). A Rádio não podia ser explicada simplesmente por uma relação mercantil, já que não gerava lucro, sendo pelo contrário deficitária. Não podia também ser compreendida apenas através do Estado, já que não possui uma relação de estabilidade com este, e com ele mantém uma ligação sempre tensa. E mesmo uma motivação política, que pudesse viabilizar uma terceira via de explicação, não parece estar na mente da maioria de seus membros. Neste sentido, as relações de dádiva surgem como elemento importante para a compreensão de projetos como o das rádios comunitárias, e em especial da Rádio Comunitária Mandacaru, que tem no voluntariado e nas tensas relações deste com o mercado seu vetor de funcionamento.

A existência efetiva de uma RC está marcada por uma rede de solidariedade e um jogo de doações. Circulam, no projeto de fazer uma RC, materialidades e serviços. A materialidade é representada pelos diversos equipamentos conseguidos dentro da comunidade e que darão vida à emissora. Os serviços são as disposições de tempo e esforços doados à emissora por locutores, programadores e todos os envolvidos com a programação local. Pessoas e coisas são colocadas à disposição da práxis de uma RC sem nenhuma remuneração⁶, e guiados por outra lógica que não a do mercado. Uma lógica da dádiva, dos vínculos sociais.

A noção de dádiva surge pioneiramente no trabalho de Marcel Mauss intitulado Ensaio Sobre a Dádiva. A partir da observação de sociedades onde se davam sistemas de potlach, buscava, tendo por questão central a obrigatoriedade da dádiva, 1) fazer uma arqueologia das trocas, buscando uma anterioridade do mercado, 2) perceber a economia e a moral que essas trocas expressavam. Ao final do texto Mauss acena com a possibilidade de permanência da dádiva nas sociedades industriais, como elemento de coesão e solidariedade.

É essa possibilidade de continuidade das relações de dádiva, que investigamos nas rádios comunitárias. O tema da dádiva implica sempre uma certa liberdade à ação, uma liberdade de negar a própria dádiva, ou de não ser incluso em sua rede. Dessa forma, apesar dos termos do contrato indicarem uma obrigação presente no dar, receber e retribuir, a possibilidade da recusa implica liberdade. Obrigação e liberdade têm de ser vistas nesse

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Comunicação para a Cidadania**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

sistema dentro de um constante e sutil jogo, podendo adquirir características que se alteram entre a obrigação e a liberdade.

O tema da liberdade da dádiva pode ser percebido nas sociedades de mercado com mais clareza do que nas sociedades simples. Nelas a possibilidade de escolha e a liberdade de retribuição ou não da dádiva é maior. No tocante as RCs, quanto maior nos parece a liberdade de optar pelo não, ou seja, o não doar-se, o que no território das comunidades, quase sempre pobres, significa a possibilidade de investir tempo e recurso para si próprio, individualmente, o sim, o doar-se, parece realmente uma escolha livre e ao mesmo tempo mais comprometida com o laço social. A questão que coloco é a de que, dentro das comunidades, essa liberdade-compromisso – esse investimento num projeto coletivo – pode constituir-se como elemento de coesão do grupo. E a partir do estabelecimento dessa coesão, que relação dinâmica com os processos de memória de uma comunidade guardaria?

Para o Movimento Anti-Utilitarista nas Ciências Sociais, MAUSS, que trabalha a noção de dádiva no cenário capitalista, o que anima a dádiva, na relação de interesse e desinteresse, é a gratuidade. Godbout & Caillé (1999) buscam constituir, a partir da obra de Marcel Mauss e, particularmente do Ensaio Sobre a Dádiva, um paradigma da dádiva capaz de se opor ao holismo e ao individualismo metodológico. Neste seu intento realizam uma atualização da idéia e da persistência da dádiva na sociedade moderna.

Os laços sociais e comunitários, que não são regidos pelo mercado e pelo Estado, seriam animados pela dádiva. Nesse ambiente, a materialidade cede espaço a imaterialidade dos serviços e do tempo dedicados ao outro. Outro coletivo ou individual.

É nessa perspectiva que percebo as relações sociais que movem a Rádio Comunitária Mandacaru, onde a dádiva pessoal na construção de um projeto coletivo é o principal motor de ação. Dessa realidade surgem tensões. A remuneração é implicada por alguns de seus membros como fator importante para a continuidade da Emissora, entretanto só na medida em que permita que gastos mínimos sejam cobertos. Estes entendem que a doação é o único fator que pode permitir que um projeto como uma rádio comunitária, que não se orienta pelo lucro permaneça ativa.

Para outros a profissionalização e a remuneração são essenciais a continuidade da emissora. No entanto, o sistema de voluntariado é visto como necessário, na medida em que

⁶ Exceção feita a RCs maiores, caso da Rádio Novos Rumos de Queimados, RJ, que consegue manter-se mais tempo no ar.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Comunicação para a Cidadania**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



permitiria a manutenção de características comunitárias, diferenciando-a dos modelos estritamente comerciais.

Em meio a essas tensões a experiência é efetivamente costurada com os fios das relações de doação, interesse e prazer.

Alain Caillé (1998), seguindo a tradição maussiana, afirma que a dádiva deve ser entendida enquanto paradigma de compreensão dos laços sociais e da ação humana. As relações sociais podem ser pensadas em sua determinação e indeterminação através dos quatro elementos que as compõem: obrigação, interesse instrumental, espontaneidade e prazer.

A dádiva, segundo ele, é uma aposta sempre única que liga as pessoas, ligando simultaneamente, de uma maneira sempre nova, o interesse, o prazer, a obrigação e a doação (Caillé, 1998:30).

A trama social tecida no interior da comunidade e expressa nos microfones da Mandacaru FM tem, portanto, a marca dessas relações de dádiva que aí se instalam.

Parece profícuo, através da noção de dádiva, pensar as organizações comunitárias não simplesmente como uma reação reflexa à política e à economia, mas enquanto relações de solidariedade que se estabelecem numa cadeia de dádiva e contra-dádiva nas associações comunitárias.

Para o autor as associações (comunitárias, de voluntários,) estão próximas à dádiva, já que nelas a aproximação é um ato livre e seus membros não procuram lucro, percorrem outro caminho que não o do mercado. A circulação dos bens e serviços sociais que define o laço social é sua razão de existir.

Godbout & Caillé (1999: 103) se pautam em dois critérios para distinguir as associações e os grupos comunitários baseados no princípio da dádiva: 1) As relações não se dão baseadas numa relação salarial; 2) a associação deve também manifestar nos seus objetivos uma abertura para outras pessoas que não seus membros ou seu núcleo principal.

A Rádio Comunitária Mandacaru enquadra-se nessa distinção. Não é regida por relações salariais, onde as ações teriam como parâmetro à troca mercantil, e mantém como característica a abertura constante ao ingresso de outras pessoas em seus quadros.

Não sendo regida por relações salariais ou objetivando lucro e tendo por característica a constante rotatividade dos membros, a confiança aparece como um tema importante para a dádiva e pode ser encarado como fator de coesão e de continuidade do grupo. A confiança,



presente na dádiva, é um elemento importante porque se configura como uma espécie de ato fundador da sociabilidade:

‘depositar confiança’ é o ato fundador permanente de toda sociedade, que se opera através do gesto do dom. Isso significa aceitar um risco, ou seja, em termos formais, introduzir a indeterminação, pô-la como condição prévia de todo laço social, o que explica que todas as teorias deterministas esbarrem contra esse fenômeno elementar, mas primordial, fundador da liberdade. (GODBOUT & CAILLÉ, 1999, p.268)

A dádiva, enquanto componente essencial à própria sociabilidade, se estabelece através da idéia ambígua de confiança e indeterminação. Isso vale, é claro, também para as associações.

É isso que significa essencialmente a própria designação de organismo ‘comunitário’: o fato de o princípio e o motor da ação terem a sua origem no laço que existe entre os membros da associação, entre os membros e a pessoa ajudada, a qual, de resto, raramente é chamada cliente. (GODBOUT & CAILLÉ, 1999, p.104)

Godbout entende, desse modo, que a gênese da ação comunitária funda-se na dádiva e alimenta-se da reciprocidade nela presente. Estabelece cadeias de ação, cuja confiança e cuja indeterminação, ou seja, a espera de que a ação de dar seja retribuída, sem ter, no entanto, nenhum contrato formal que o obrigue. Existe ao mesmo tempo confiança e indeterminação na possibilidade de retribuição. Estes seus principais componentes fazem circular os laços sociais.

Na *Rádio Comunitária Mandacaru* a confiança e a capacidade de contrair um compromisso e a ele ser fiel é pensada como ato fundador das relações. Os membros se encontram tendo por objetivo comum colocar a Rádio no ar. Mesclam-se nesse cenário, relações de interesse e desinteresse que compõem a dádiva moderna, nem sempre perceptível pelos membros que a mantém. Os laços circulam e os vínculos sociais os tornam duradouros tendo como meio a própria Rádio, que sob si estabelece um contrato tácito de sociabilidade que se deve cumprir.

Uma série de obrigações devem ser consideradas para que o membro permaneça na Rádio. A organização, baseada na gestão comunitária, impõe uma gama de momentos para que o compromisso e o cumprimento dessas obrigações sejam testados.



Embora cheguem à emissora das mais diversas formas: convite de amigos, conhecimento do trabalho da Rádio e das possibilidades de colocação na emissora, ou mesmo simplesmente através de sua audição, todos os membros experimentam o processo de participação para além da feitura dos programas. Os novos membros, antes de efetivamente se tornarem componentes da Rádio, experimentam todo um ritual de aceitação e de reconhecimento.

Um ritual de aceitação que visa, ao que parece, a aprovação pelo grupo, mas que fundamentalmente avalia o grau de compromisso do novo membro com o projeto, que poderá ser percebido pela sua assiduidade às reuniões e o envolvimento nas atividades que venham a acontecer na gestão do dia a dia da emissora. Como afirma um de seus membros, partilhar essas informações é uma forma de responsabilizar a todos pelos rumos da emissora. Seria uma forma também de barrar o individualismo, que não teria espaço, ou quase nenhum espaço no tipo de relação comunitária estabelecida na *Mandacaru*:

Se nós conseguirmos manter a idéia inicial de envolvermos todo mundo nas discussões da rádio; que quando você começa a ter contato com os problemas maiores da rádio, as pessoas contribuem mais. Se você tem contato só com os probleminhas dos programas, com as dificuldades, aí fica com a visão meio atrofiada. Ainda hoje as pessoas opinam sobre tudo. Não quer dizer que não tem nenhum problema, têm muitos. Mas fica mais fácil, você dá uma dimensão mais global às coisas. As pessoas se sentem mais responsáveis. Até na hora de tentar resolver um problema ela pensa mais na rádio, perde um pouco a visão individualizada. Porque o mundo do rádio pelo que eu percebi, eu não tenho experiência de rádio, nenhuma, é extremamente, é... estimula o egoísmo. (..) Então tem isso aí, a rádio quebra um pouco essa idéia.

Aceitar essa série de imposições e responsabilidades, nos termos da dádiva, pode apontar para um caminho: o das relações entre o interesse e o desinteresse de cada membro individualizado, ou com a coletividade, e a sociabilidade que fundam a emissora em seu cotidiano. Em alguns depoimentos colhidos durante a pesquisa a palavra ideal parece substituir dádiva, que no Brasil ganha um sentido divino e quase religioso. O retorno, a contra-dádiva, parece residir no prazer do trabalho e na sua realização, em se sentir útil, prestando um serviço à comunidade, ou mesmo na utilização desta como um canal de transformação da sociedade.



Um dos comunicadores da emissora, revela a aproximação que percebe entre a noção de ideal e a de rádio:

Quando você ama uma coisa você é capaz de dar a sua vida por ela. Os meninos do HIP HOP querem passar essa cultura, querem levar adiante esse ideal deles. Os meninos do funk querem tirar a violência do movimento funk. O Rock História que passar qual a história do rock. O Cidadão no Rádio quer passar a defesa do consumidor. O Vida Para Sempre quer mostrar que Jesus existe no coração das pessoas e que ele está orando por nós. O Ele Vive da mesma forma. (...). O ideal é o que constrói é o que faz você dar sua própria vida por aquilo que você persegue. E esse ideal, você saber que você dar esse ideal para os outros através de um órgão que também tem um ideal de fortalecer o ideal dos outros é isso que fortalece a Mandacaru.

Na fala de outros membros mesclam-se prazer e interesse utilitário. Num mercado aberto pela expansão da radiodifusão comunitária, com o surgimento de rádios que sob a definição de comunitária arrendam horários e podem gerar lucro, a *Mandacaru FM* funciona como uma vitrine para alguns de seus membros. Muitos deles percebem a Rádio como um lugar onde *se futura* algo melhor. O empenho e a doação à Rádio parecem ser mediados por esse desejo: que a emissora possa ser um canal onde se apresentem à possibilidades futuras de trabalho e de remuneração.

Por vezes, comunicadores advindos de RCs que ainda trabalham com o sistema de bocas identificam na *Rádio Mandacaru* esse futuro, carregado de positividade. Isso não impede que se refiram às suas atividades e à relação que mantêm com os ouvintes e com o grupo com o qual partilham o trabalho na Emissora como prazerosos.

Ao buscarem esse tipo de relação com a Rádio estabelecem vínculos sociais, inserem-se em um circuito onde precisam dar para receber. Daí, talvez, as inúmeras relações que fazem da *Mandacaru* com a idéia de família, uma constante nas entrevistas. Temas como prazer e troca são colocados em evidência através do significado da noção de família, que remete a outras noções, como a de aconchego e de segurança, próprios do espaço da casa, opondo-se ao mundo da rua, como sugere DaMatta (1997).

Para Godbout (1998:28) a dádiva moderna é melhor percebida na esfera doméstica e, quando toma as esferas do Estado e do mercado, é a domesticação desses lugares que intenta.



A identificação do grupo com a idéia de uma *grande família* parece revelar que as relações que a Rádio permite acontecer solidificam vínculos e instauram laços que não terminam com a própria Rádio, estão além. Os vínculos domesticam o espaço de relações e constroem uma situação de aconchego e segurança, que se mantém no tempo, preservando os laços outrora construídos.

4. Sob um quadro de tensão permanente

Colocada entre carências e tensões a *Rádio Mandacaru* se sustenta num paradoxo: a efetiva dádiva e a utopia da profissionalização.

A necessidade de resolver uma série de problemas trazidos pela mudança no processo de irradiação faz com que a profissionalização, mesmo que parcial da Emissora e de sua equipe, funcione no discurso como a única possibilidade de continuidade das suas atividades. Embora se mantendo das relações voluntárias, a idéia de permanecer unicamente com o voluntariado parece ser sinônimo do fim das atividades.

Nesse terreno alguns termos se tornam quase sinônimos: capacitação e profissionalização aparecem investidos praticamente da mesma função de salvação. Paradoxalmente, a maior parte da equipe não passou pelos cursos de capacitação e também não recebe nenhum tipo de remuneração pelas suas funções. O que às vezes redundava em conflitos, já que não recebendo para execução dos trabalhos a cobrança não pode se efetuar nos termos de um contrato de trabalho usual.

Isto não significa que as cobranças não se processem. Elas se dão de outro modo, fíncadas não no contrato legal mas na pressão moral. Na espera de que o vínculo que une cada um daqueles membros ao projeto que também é seu seja preservado, sob pena de que a própria Rádio e não apenas o vínculo se fragmente.

Como um modelo não firmado as RCs se formam sob um quadro de conflitos. A programação, assim como a trajetória da *Rádio Mandacaru*, é feita de visões distintas da razão de existir dessa emissora, do conceito de comunicação comunitária, e das próprias visões de mundo e dos interesses que presidem a presença de cada um de seus membros naquela comunidade. As diferentes visões constituem a tecitura da Rádio: nela encontram-se entrelaçadas motivações políticas, de trabalho e de realização de ações voluntárias.



Existe um conflito constante e recorrente no discurso de seus membros entre os modelos de rádio comunitária e de rádio comercial. Ser *verdadeiramente comunitária* é uma preocupação persistente. Essa tensão deriva do recente processo de legalização desse tipo de emissora e do serviço de radiodifusão comunitária. Tensão que permanece também e se estende a outro tipo de rádio aparecido com o advento da Lei: *as rádios que se dizem comunitárias*.

Os membros da Rádio, ao definirem o modelo das RCs, o fizeram contrapondo-o ao das rádios comerciais e das rádios que *se dizem comunitárias*. Nesta aproximação distintiva a isotopia pairou sobre a genuinidade do modelo da *Mandacaru FM*, considerada por todos os entrevistados como a *única rádio realmente comunitária no cenário cearense*.

A necessidade de construir um modelo, respaldada nessa tensão também é uma constante, repetida por seus diretores.

Essa indefinição também se evidenciou no processo de fechamento da Rádio, o que abriu uma série de discussões sobre a emissora, o modelo que visa seguir⁷ e nesse sentido, sobre a sua aproximação com a comunidade.

A relação com esta, marcada pela pergunta *a que comunidade serve a rádio?*, é uma questão clara que se coloca ao projeto e à sua continuidade. No seminário⁸ e no processo de discussões desencadeadas pelo fechamento da emissora esse ponto emergiu. Liga-se de forma direta, em plano mais geral, aos termos da Lei, que condiciona a existência das RCs a sua efetiva disposição de servir a um local, a uma comunidade e somente a ela, definindo a extensão máxima de penetração do som a 1Km. Mas liga-se também, em um plano mais específico, e também paradoxal, a mudança da Rádio para o sistema de transmissor que, diferentemente do sistema de bocas, permitiria ser ouvida em *toda Fortaleza*, [dando a possibilidade aos seus comunicadores] *de dar um bom dia a toda Fortaleza*.

A relação entre a cidade e a comunidade, que define a Rádio, tem implicações diretas na programação e na relação com a comunidade do bairro. A tensão se mostra principalmente na fala dos membros e dos colaboradores da Emissora que são ou foram moradores do bairro. Na fala de uma dessas pessoas, embora ressalte em tom de positividade a mudança para o

⁷ A Rádio possuía uma liminar e o fato de a liminar ter sido cassada colocou em perigo a legalidade procurada.

⁸ 5º Seminário da Rádio Mandacaru FM, ocorrido em junho de 1999.



sistema de transmissor, a Rádio parece ter deixado um pouco órfã a comunidade, que dela se servia para uma série de serviços que a legitimaram quando de seu nascimento.

O projeto e as dádivas presentes em seu interior, bem como todas as tensões que exigem uma constante postura heróica, despertam uma ligação que confronta, simultaneamente, a coesão e o esfacelamento do grupo. O projeto e a dádiva seriam constituintes da noção de pertença e de coesão. As exigências que gravitam em torno da *Mandacaru* e põem em risco o sustentáculo de sua existência, o voluntariado, colocam em risco também o próprio projeto rádio comunitária.

Os elos produzidos pela noção de projeto - que envolvem a comunidade de moradores e conforma uma outra comunidade, a de membros da emissora - costuram a memória de cada um desses membros a partir da *Mandacaru*, onde esta conta a história do bairro, dela própria e dos cruzamentos de trajetórias pessoais ligadas a dádiva presente na emissora e tencionada diuturnamente pelas exigências de mercado e pelos conflitos e carências presentes na situação de classe do grupo.

Dar continuidade a *Rádio Comunitária Mandacaru* significaria perceber sua caminhada e os novos desafios a ela colocados. Construir um projeto que tenha como alvo a possibilidade de uma maior audiência é colocar em risco a relação estabelecida com o entorno imediato da emissora no bairro. No entanto, mudar o sistema de transmissão que possibilitaria tal crescimento da audiência e a projeção da Rádio na cidade de Fortaleza, significa responder às exigências de uma nova organização interna da emissora.

Torna-se necessário formatar um novo arranjo de seus membros a partir do crescimento da equipe. Esse novo formato exige conciliar também as exigências financeiras, relativas ao crescimento do grupo, e a necessidade de capacitação dos quadros. Faz-se necessário construir articulações em prol da Rádio, conciliando os interesses de vários membros que a utilizam como vitrine para o nascente mercado de trabalho aberto pelas rádios comunitárias. A continuidade da Rádio em sua nova fase precisa, ainda, da organização e do apaziguamento dos vários interesses relacionados a programação e a constituição de um modelo de rádio comunitária que teria no formato de sua programação um de seus elementos fundamentais.

Todos esses caminhos e exigências provocam um contínuo processo de organização e acomodação de suas estruturas. Ao mesmo tempo que essas dificuldades parecem fortificar os vínculos que ligam o grupo a Rádio, estabelecendo uma relação de identificação e de pertença



ao projeto e a comunidade de membros da emissora, o cansaço e a ausência de recursos colocaram a Rádio em risco. O sistema de voluntariado parece não poder se sustentar sozinho e necessita construir um caminho alternativo e paralelo para levar o exercício da comunicação comunitária adiante.

Assim, premidos pelas exigências do mercado, do voluntariado e da profissionalização, a busca de audiência e a construção de um modelo de rádio comunitária para a cidade de Fortaleza, a *Rádio Comunitária Mandacaru* e seus membros constróem uma trajetória. Estas tensões já se conforma em suas memórias. Os diversos e, por vezes divergentes significados que lhe atribuem carregam a incerteza do presente e as expectativas difusas em relação ao futuro.

O passado, visto com os olhos do presente, re-significa a história da emissora: da espontaneidade de sua criação ao ambicioso projeto de construção de um modelo. Os depoimentos oscilam entre a saudade do passado e a euforia contida nos desafios da nova fase. Esse novo momento expõe todas as delicadas imbricações que existem na dádiva presente em um organismo comunitário e a necessária e tensa presença do mercado.

Bibliografia

BENJAMIN, Walter, “Sobre alguns temas em Baudelaire”. In: **Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo, Brasiliense, 1989.

CAILLÉ, Allain. “Nem holismo nem individualismo metodológico: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. **Revista Brasileira de Ciências Sociais – RBCS**, v. 13, nº 38, p. 5-37, out. 1998.

COGO, Denise. **No ar ... uma rádio comunitária**. São Paulo: Edições Paulinas, 1998.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua: espaço, cidadania e morte no Brasil**. Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1997.

GODBOUT, Jaques T. e A Caillé. **O espírito da dádiva**. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1999.

_____. “Introdução à dádiva”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais – RBCS**, v. 13, n 38, p. 39-51, out. 1998.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa, Edições 70, 1988.